

## 2

### O paradigma moderno e sua crise epistemológica e civilizacional

#### 2.1.

#### Dualismo básico fundante: a cisão radical entre ser humano e natureza

Nesta subseção inicial, o que se pretende é adentrar nos pressupostos do paradigma moderno, ou seja, naquilo que o constitui como tal e elaborar a crítica necessária. Para tanto, os dualismos fundantes desse paradigma serão aqui abordados, dando-se especial atenção àquele considerado o básico: a cisão radical entre ser humano e natureza e as graves derivações desta ruptura.

O que se quer é demonstrar a inviabilidade tanto do ponto de vista social, ecológico e subjetivo desta construção teórica e abrir espaço para a crítica, vislumbrando, ainda que de forma especulativa, a emergência de um novo paradigma.

Uma construção imaginária quando tornada hegemônica constitui um paradigma<sup>8</sup> na acepção que será discutida neste trabalho. A criação imaginária decisiva na construção do paradigma moderno foi a separação do ser humano e da natureza, fundando um dualismo matricial do qual derivaram posteriormente os dualismos que separam o corpo do psiquismo, o sujeito que conhece do objeto a ser conhecido, a razão da paixão, a natureza da cultura, o homem da mulher. Esses dualismos constituem a matriz em que foi gerada a concepção racionalista do homem e a concepção maquínica da natureza, produzindo assim o reducionismo antropológico da modernidade e as práticas predatórias – tanto do ponto de vista social quanto ecológico – que caracterizam a sociedade contemporânea.<sup>9</sup>

A extensão e profundidade da crise contemporânea são evidentes. De acordo com Castoriadis<sup>10</sup> há a miséria física de dois terços da humanidade e psíquica de outro terço. Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante.

---

<sup>8</sup> O conceito de paradigma foi originalmente cunhado por Thomas Kuhn em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions* (1970). Seu significado refere-se a uma estrutura que orienta as ações e processos de um campo particular do conhecimento.

<sup>9</sup> PLASTINO, C. A. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 13.

<sup>10</sup> CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto Vol 1*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.158.

Trata-se de uma crise vital, pois há um inegável risco de autodestruição total. A vida no planeta encontra-se ameaçada, Gaia está em perigo.<sup>11</sup>

As previsões são unânimes em denunciar a intensidade da crise. A análise de Lovelock<sup>12</sup> nos parece demasiadamente alarmista, mas transmite o grau de inviabilidade das práticas predatórias do homem para com a natureza.

Até 2020, secas e outros extremos climáticos serão lugar comum. Até 2040, o Saara vai invadir a Europa e Berlim será tão quente quanto Bagdá. Atlanta acabará se transformando em uma selva de trepadeiras kudzu. Phoenix se tornará um lugar inabitável, assim como partes de Beijing (deserto), Miami (elevação do nível do mar) e Londres (enchentes). A falta de alimentos fará com que milhões de pessoas se dirijam para o norte, elevando as tensões políticas. Com as dificuldades de sobrevivência e as migrações em massa, virão as epidemias. Até 2100, a população da Terra encolherá dos atuais 6,6 bilhões de habitantes para cerca de 500 milhões, sendo que a maior parte dos sobreviventes habitará altas latitudes – Canadá, Islândia, Escandinávia, Bacia Ártica. Até o final do século, segundo o autor, o aquecimento global fará com que zonas de temperatura como a América do Norte e a Europa se aqueçam quase 8 graus Celsius.

Essa alarmante crise é decorrência indissociável dos pressupostos centrais que alicerçam o paradigma moderno. O que torna imprescindível e inadiável desenvolver a crítica desses pressupostos. No cerne deste empreendimento, situa-se, sobretudo, a interrogação sobre nós mesmos e sobre nossa relação com a natureza.

Um paradigma é um conjunto de perspectivas dominantes em torno da concepção do ser, do conhecer e do homem que, em períodos de estabilidade paradigmática, adquirem uma autoridade tal que se naturalizam. Assim, embora estas perspectivas sejam uma construção teórica, este aspecto fica velado pela mencionada naturalização, impedindo que a crítica seja exercida sobre suas perspectivas fundamentais. Desse modo, uma perspectiva paradigmática organiza e, ao mesmo tempo, limita o pensamento, tornando-se, como no caso do paradigma moderno, excludente.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> As últimas análises demonstram que as populações de espécies tropicais estão em queda livre e a demanda humana por recursos naturais sobe vertiginosamente e chega a 50% a mais do que o planeta pode suportar. Isso é o que revela a edição de 2010 do Relatório do Planeta Vivo, da Rede WWF, publicação que apresenta a principal pesquisa sobre a saúde do planeta, lançado globalmente. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/?26164/Recursos-naturais-diminuem-em-ritmo-alarmante>. Acesso em: 03 jan. 2015.

<sup>12</sup> James Lovelock em entrevista a Pragmatismo Político. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/6-bilhoes-morrerao-por-cao-aquecimento-global-diz-cientista.html>. Acesso em: 03 jan. 2015

<sup>13</sup> PLASTINO, op.cit., p. 22.

Dentre os conceitos-chave que organizam o paradigma moderno é necessário destacar – sendo este o objeto principal de análise deste capítulo - aquele que pressupõe uma cisão radical entre ser humano e natureza. Essa cisão, como já mencionado, constitui o dualismo básico que foi posteriormente desdobrado em outros. De acordo com tal entendimento, a natureza foi concebida como possuidora de uma essência inteiramente organizada conforme uma lógica racional e o ser humano foi definido tão somente pela sua racionalidade.

Ao postular a natureza como objeto racionalmente organizado e o ser humano como sujeito racional desse conhecimento, o paradigma moderno elaborou uma concepção específica do conhecimento, pautada pela atividade racional e soberana de um sujeito neutro, separado de seu objeto, e pela passividade de uma natureza inteiramente submetida a relações de determinação.

A concepção da natureza forjada pelo paradigma moderno - referida no parágrafo precedente - não foi o resultado da descoberta de “verdades” científicas, mas de uma construção teórica orientada por um objetivo preciso: tornar possível o maior grau de controle e manipulação da natureza.

Essa questão é fundamental. Se o conhecimento é uma construção, a intencionalidade que o orienta torna-se decisiva para avaliar sua pertinência. Ignorando a extrema complexidade da natureza, a perspectiva paradigmática da modernidade operou um recorte, decretando que a totalidade da natureza devia ser pensada como uma máquina cujo dinamismo seria sustentado, exclusivamente, por leis de determinação conhecíveis cientificamente.

O sujeito ativo desse conhecimento e dominação – o homem – foi também pensado de maneira reducionista pelo paradigma moderno: um corpo pensado como máquina e uma mente/consciência/psiquismo apenas racional dissociada do todo. Convém abordar mais profundamente tal assertiva. A concepção antropológica da modernidade pensa o homem segundo os pressupostos dualistas, essencialistas e deterministas já mencionados. Pela suposição dualista o homem é pensado como produto da junção de dois aspectos (substâncias) inteiramente diferentes entre si. De um lado o corpo, inserido na natureza e submetido a suas leis de causalidade, de outro o psiquismo, reduzido aos processos racionais.

Pensado como parte de uma natureza que, ela própria, é concebida conforme a metáfora da máquina, a concepção sobre o corpo do homem veicula uma perspectiva mutiladora. Nenhum tipo de percepção, nenhum tipo de

memória, nenhuma ancoragem de sentido lhe é reconhecida. Isto é assim porque o dualismo não supõe apenas a arbitrária divisão de uma totalidade em duas partes. Essas duas partes são pensadas ainda como antagônicas, legitimando modalidades de relações caracterizadas pela dominação.<sup>14</sup>

A mutilação operada pela perspectiva antropológica dualista empobrece drasticamente a compreensão dos processos de relacionamento do homem com o mundo. Apreensão, memória, produção e inscrição de sentido, são pensados como produto exclusivo da razão e da consciência. Simetricamente, o psiquismo humano é reduzido apenas a seus aspectos conscientes, negando assim a complexidade das modalidades de relação do homem com o mundo e a complexidade das formas de apreensão deste.<sup>15</sup>

Por essa construção, o homem dotado tão somente de uma mente racional, separada do corpo, vê a natureza como objeto a ser controlado através de um conhecimento fundado em relações determinísticas. Nas palavras de Plastino:<sup>16</sup>

Definido como ser de razão, ele – o homem - é privado das outras faculdades que o constituem. Imaginação, afeto e desejo, intuição – a percepção do inconsciente – todas essas características constitutivas do ser do homem foram consideradas fatores que perturbam a razão e, conseqüentemente, são desvalorizadas, ignoradas ou recalçadas. Como é sabido, essas características são comumente atribuídas pela nossa cultura ao feminino, de modo que não é surpreendente que sua desvalorização e recalque tenham coincidido com a opressão sofrida pelas mulheres.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> O paradigma moderno elenca uma longa família de dualismos dentre os quais podemos distinguir, entre outros, abstrato/concreto, espírito/corpo, sujeito/objeto, ideal/real. Todos estes dualismos são sexistas na medida em que, em cada um deles, o primeiro polo é considerado dominante, sendo ao mesmo tempo associado com o masculino. A ciência moderna torna estes dualismos mais eficazes, dado que o falso (e hegemônico) universalismo de sua racionalidade cognitivo-instrumental se presta particularmente a transformar experiências dominantes (experiências de uma classe, sexo, raça ou etnia dominante) em experiências universais (verdades objetivas). Por esta via, o masculino transforma-se numa abstração universal fora da natureza, enquanto o feminino é tão só um mero ponto de vista carregado de particularismos e de vinculações naturalistas. Os estudos feministas tornaram claro que, nas concepções dominantes das diferentes ciências, a natureza é um mundo de homens, organizado segundo princípios socialmente construídos, ocidentais e masculinos, como os da guerra, do individualismo, da concorrência, da agressividade, da descontinuidade com o meio ambiente. Daí a incapacidade ou a resistência que esse mundo oferece para admitir o maior conteúdo explicativo de concepções alternativas. SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 85.

<sup>15</sup> PLASTINO, C. A. *A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana*. Winnicott e-prints. São Paulo, v.7, n.1, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_isoref&pid=S1679432X2012000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1679432X2012000100004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>16</sup> PLASTINO, C. A. *Os horizontes de Prometeu: considerações para uma crítica da modernidade*. Physis, 2005, vol.15 suppl, p.121-143, p. 135.

<sup>17</sup> Tema que será abordado no segundo capítulo do presente trabalho através da análise do Ecofeminismo.

Na perspectiva assim construída, o homem deixou de ser visto como integrado à natureza, passando a vê-lo como separado dela e com ela mantendo relações de oposição e dominação, tanto com relação à sua própria natureza (o corpo, instintos e paixões) quanto à natureza externa, da qual era ignorada sua dinâmica auto-poiética.

O paradigma moderno tratou, portanto, de homogeneizar o real, constituindo-o como essência finita, acabada e, portanto, apreensível exclusivamente pela razão. Ao pressuposto ontológico que define o humano pelo sua racionalidade, somou-se o seu correspondente pressuposto epistemológico de que aquilo que escapa ao tratamento científico é incognoscível. O papel das ciências modernas na formulação de um conhecimento verdadeiro do real, fundamental para a arquitetura do paradigma moderno será agora analisado.

Boaventura de Sousa Santos<sup>18</sup> apresenta uma análise abrangente e pertinente sobre o tema. Para o autor, no projeto da modernidade podem-se distinguir duas formas de conhecimento: o conhecimento-regulação cujo ponto de ignorância se designa por caos e cujo ponto de saber se designa por ordem e o conhecimento-emancipação cujo ponto de ignorância se designa por colonialismo e cujo ponto de saber se designa por solidariedade.

Segundo o autor, o conhecimento-regulação veio a dominar totalmente o conhecimento-emancipação. Isso deriva do modo como a ciência moderna se converteu em conhecimento hegemônico e se institucionalizou como tal.

Para Santos, o paradigma da modernidade é um projeto ambicioso e revolucionário, mas é também um projeto com contradições internas. Tantos os excessos como os déficits estão inscritos na matriz paradigmática. Para seu funcionamento haveria de funcionar uma gestão reconstrutiva dos excessos e dos déficits que foi progressivamente confiada à ciência. Promovidos pela rápida conversão da ciência em força produtiva, os critérios científicos de eficiência e eficácia logo se tornaram hegemônicos, ao ponto de colonizarem gradualmente os critérios racionais das outras lógicas emancipatórias.

No início do século XIX, a ciência moderna já tinha sido convertida numa instância moral suprema, para além do bem e do mal. A crise moral que se propagava na Europa e a conseqüente separação entre os poderes secular e

---

<sup>18</sup> SANTOS, op. cit, p. 45-85.

religioso, só podia ser resolvida por uma nova religião. E na análise de Santos, essa religião era a ciência.

Como afirma o autor:

A colonização gradual das diferentes racionalidades da emancipação moderna pela racionalidade cognitivo-instrumental da ciência levou à concentração das energias e das potencialidades emancipatórias da modernidade na ciência e na técnica. 19

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega legitimidade a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas.

Dita racionalidade científica é consubstanciada na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese da ordem cósmica de Newton e, finalmente, na consciência filosófica que lhe conferem Bacon e Descartes. 20

Para tal visão de mundo consubstanciada na racionalidade científica, a natureza é entendida tão somente como extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes ativo, já que visa conhecer a natureza para dominar e controlar. Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana “o senhor e o possuidor da natureza”. 21

A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação e, ainda, o modelo de representação da própria estrutura da matéria. Para Galileu, o livro da natureza está inscrito em caracteres geométricos. Desse lugar primordial da matemática na ciência moderna derivam duas consequências principais: conhecer significa quantificar e a redução da complexidade às lógicas dedutíveis matematicamente.

Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações se podem determinar exatamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar em um espaço vazio, um

<sup>19</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>20</sup> Ibidem, p.83.

<sup>21</sup> BACON, F. *Novum Organum*. Madrid: Nueva Biblioteca Filosófica, p. 110.

mundo que o racionalismo cartesiano torna cognoscível por via da sua decomposição nos elementos que o constituem. Esta ideia do mundo máquina é de tal modo poderosa que vai transformar-se na grande hipótese universal da época moderna.

Construiu-se, através dessa visão de mundo alicerçada tão somente numa racionalidade científica, uma perspectiva totalitária e excludente do conhecimento, em que todas as formas de saber que não se pautavam pelos pressupostos referidos foram excluídas, isto é, que não separavam radicalmente o ser humano da natureza, que não concebiam esta como sendo apenas uma máquina determinada, que não reduziam a capacidade humana de apreensão do real à atividade de sua consciência racional e que não adotavam como consequência a perspectiva da cisão radical entre sujeito e objeto.

No entanto, a adoção dos pressupostos fundamentais do paradigma moderno não constitui o resultado de experiências de conhecimento, mas representa uma opção, ou seja, há uma intencionalidade nessa construção. A escolha dos pressupostos que regem um paradigma exprime certamente a capacidade de criação da humanidade, não sendo, entretanto, dissociável do contexto social e cultural global no qual ela é feita. A emergência do paradigma moderno nos séculos XVI e XVII produziu-se no bojo de um ambicioso e revolucionário projeto que tinha como objetivos fundamentais a emancipação do homem e da sociedade e a regulação da vida social.

A marcada cisão entre ser humano e natureza e os dualismos derivados presidiu a maneira como foi concebido o processo de conhecimento científico. Para o paradigma moderno, conhecer significa reduzir o complexo à simplicidade, dividindo e classificando para poder estabelecer relações sistemáticas entre aquilo que foi separado. Representando um real simples, o paradigma moderno o pensa também como homogêneo, ignorando a heterogeneidade das múltiplas modalidades do ser, pensado na sua totalidade conforme o modelo maquínico e causalista.

As leis científicas constituem uma forma de inteligibilidade do real sustentada por um conceito específico de causa – eficiente - aquela que responde à questão de como funcionam as coisas, desinteressando-se saber quem é o agente ou qual a finalidade delas. A escolha dessa categoria de causalidade não se deu obviamente por acaso. Na medida em que permite prever e intervir nos processos

da natureza, ela se articula ao objetivo de controle e dominação, central no projeto moderno, como dito.

O conhecimento através das causas eficientes não é certamente o único possível, mas é o único considerado válido pelo paradigma moderno – transformando-se, assim, num paradigma totalitário, na medida em que só aceita como válido o conhecimento objetivo e explicativo, excluindo o conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo.

O processo de conhecimento, portanto, foi mutilado, fazendo da ciência a única forma de conhecimento admissível, e o “experimento” a única modalidade de experiência válida como fonte de saber. Esta perspectiva reducionista fechou radicalmente a possibilidade de pensar a extrema complexidade da natureza e do ser humano, bem como das relações entre ambos, deixando o homem desamparado para lidar com os evidentes processos de destruição da natureza e de autodestruição da espécie.

Esses processos destrutivos e autodestrutivos tornaram evidente a unilateralidade da perspectiva hegemônica construída pelo paradigma moderno, fazendo com que sua crítica tenha se tornado uma questão crucial.

Silenciada e marginalizada durante um longo período, esta crítica tornou-se contemporaneamente mais audível como consequência da convergência de dois processos: os consistentes sinais de inviabilização da civilização construída a partir dos pressupostos paradigmáticos da modernidade, e o questionamento desses pressupostos feito possível pelos resultados obtidos pelas ciências e saberes construídos no interior do próprio paradigma. A física quântica é um exemplo deste último processo.

Na concepção quântica<sup>22</sup>, o real físico apresenta-se como uma totalidade unitária, que pode até certo nível ser decomposta em moléculas e átomos, por sua vez decomponíveis em partículas. Mas, essas partículas elementares não podem ser compreendidas como partículas isoladas, pois sua inteligibilidade estabelece-se através de suas interconexões. Essa unidade orgânica fundamental do universo é, certamente, incompatível com o reducionismo mecanicista e com o projeto cognitivo que lhe é indissociável.

---

<sup>22</sup> BARTHOLO, R. *Os labirintos do silêncio: cosmovisão e tecnologia na modernidade*. Rio de Janeiro: Coope, UFRJ, 1986, p. 158

O processo que levou à profunda transformação do conceito de matéria acarretou, ainda, uma não menos radical modificação da concepção sobre o ato de conhecer. Longe da separação radical entre sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido, sobre o qual o paradigma moderno fez repousar a neutralidade do observador, as descobertas da física quântica tornaram evidentes as características de um processo no qual o observador participa ativamente da constituição do objeto a ser observado.

Estas profundas transformações põem por terra também o determinismo universal postulado pela física moderna. Portanto, a concepção de natureza como máquina, outro pressuposto central do paradigma moderno, veio abaixo, no domínio da física, pela descoberta das estruturas dissipativas. Nessas, a evolução de certos sistemas é devida a flutuações de energia que desencadeiam reações espontâneas, levando o sistema a outro estado de equilíbrio. Estas transformações acontecem segundo uma lógica de auto-organização, em uma espécie de dinamismo autopoietico.

Longe de ser uma ordem sustentada em base de princípios lógico-racionais, a realidade se mostra ser constituída por uma pluralidade de regiões e modalidades do ser – respondendo a lógicas diferentes e nem sempre coerentes entre si – que fogem ao controle de seu aprisionamento pela razão instrumental. Desse modo, a simplicidade que o paradigma moderno atribui ao real há de ser substituída pela perspectiva da complexidade.

Como consequência disso, em vez da homogeneidade de um universo lógico, racional e estável, as ciências e saberes contemporâneos constroem a imagem de um real heterogêneo. À eternidade, ao determinismo e ao mecanicismo – características do paradigma moderno -, essas ciências, opõem uma imagem do real caracterizado pela sua historicidade, imprevisibilidade, interpenetração, auto-organização, criatividade e acidente.<sup>23</sup>

A crise da perspectiva essencialista do paradigma moderno é apenas uma das vertentes de uma crise mais global, caracterizada por evidências que se avolumam e assinalam para a complexidade não só do real, mas também do homem e do conhecimento.

---

<sup>23</sup> PLASTINO, C. A. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.30.

Neste contexto, o mais importante é restituir a dignidade e a validade das formas de apreensão do real que, na medida em que não se adaptavam aos pressupostos imaginados pelo paradigma moderno, foram excluídas por este do elenco das formas de conhecimento válidas.

A perspectiva que nos separa radicalmente da natureza mostra hoje no desastre ecológico suas trágicas consequências. É importante salientar que a simples denuncia das tragédias que nos ameaçam não é suficiente. É preciso criticar e ultrapassar a perspectiva sobre a qual se sustenta a onipotência predatória da espécie, alicerçada na produção imaginária que cinde o ser humano da natureza. Ultrapassar esse imaginário significa colocar-nos em condições de ouvir o que é que as múltiplas modalidades de expressão e apreensão que a complexidade do real e de nós mesmos torna possível.<sup>24</sup>

A superação do paradigma da modernidade que a crise da civilização torna necessária e as ciências e saberes contemporâneos tornam possível, exige aprimorar nossa compreensão sobre a significação do empreendimento da modernidade. A modernidade é mais e, ao mesmo tempo, menos do que habitualmente se considera. É menos, porque, contrariamente a suas pretensões, ela não constituiu um paradigma sociocultural universal, mas um paradigma local que se globalizou com êxito, tal como assinala Boaventura de Souza Santos.

A modernidade contém, entretanto, mais do que o paradigma hegemônico representa. As tradições e as dimensões da modernidade ocidental excedem, em muito, o que acabou por ser consagrado no paradigma racionalista, já que a constituição desse paradigma significou a supressão de epistemologias e tradições alternativas em relação às que foram consagradas.

A crítica aqui formulada não supõe negar validade operatória à ciência moderna. Porém, quer demonstrar a falta de fundamentos de seus postulados básicos e de sua pretensão de exclusividade, e apontar que, pelo seu caráter totalitário, transformou a humanidade em refém da dinâmica científica e tecnológica, ameaçando gravemente não apenas a qualidade de vida da espécie, mas sua própria sobrevivência, tema que será posteriormente abordado.

O notável progresso possibilitado pela racionalidade instrumental do paradigma moderno foi acompanhado por um oneroso custo social, humano e

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 35.

ecológico. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade. Nada há de científico na razão que hoje nos leva a privilegiar uma forma de conhecimento baseada na previsão e controle dos fenômenos.

O que se quis através da presente análise foi demonstrar que o dualismo central que organiza a concepção do paradigma moderno reside na separação do ser humano e da natureza. Quis, ainda, elucidar as consequências que emanam desse dualismo matricial, quais sejam, os demais dualismos apresentados: corpo/psiquismo, sujeito/objeto do conhecimento, razão/paixão, natureza/cultura. Estas “crenças” da modernidade naturalizam determinadas maneiras de pensar processos que são decisivos para compreender o homem e os processos de conhecimento.

Por isso mesmo, a crítica e superação dos dualismos que organizam o paradigma moderno exigiu problematizar as concepções elaboradas no seu bojo sobre os citados processos. A crítica aqui formulada teve por objetivo denunciar que tais concepções modernas são mutiladoras. Pensando o ser humano como tão somente ser racional, e a natureza como uma máquina, o paradigma moderno foi incapaz de produzir um saber capaz de nos municiar para lidar com aspectos centrais do nosso ser e da nossa sobrevivência enquanto espécie.

Somos assim conduzidos a repensar a nossa relação com a natureza – a nossa própria e a do real externo a nós – da qual o empreendimento da modernidade quis nos separar.

## 2.2

### **Crises resultantes: ecológica e subjetiva**

Como demonstrado, a natureza, concebida através da lógica maquínica pelo paradigma moderno, foi submetida a relações de controle e dominação e tida como um objeto a ser explorado. Essa concepção tem por consequência a grave crise ecológica e subjetiva enfrentada contemporaneamente pela humanidade. O que se quer neste subcapítulo é adentrar na compreensão da crise, ou seja, aprofundar a compreensão de que forma a radical cisão entre ser humano e natureza arquitetada pelo paradigma moderno acarreta a grave, e de difícil reversão, crise atual.

A busca pelo crescimento econômico desenfreado, difundida por quase todos os países do mundo e amparada no desenvolvimento tecnológico e em pouca reflexão e consciência sobre suas consequências, favoreceu a ideia de que o ser humano tem potencialmente total poder sobre a natureza e que, portanto, explorá-la e subjugará-la a seu bel prazer não resultaria em qualquer prejuízo à humanidade.

Entretanto, de modo contrário ao que se esperava, o planeta vem apresentando, dia após dia, implicações de um estilo de vida humano insustentável e comprometedor da permanência da vida humana na Terra.

A crescente destruição da camada de ozônio, o aumento do efeito estufa, as profundas alterações climáticas, o desmatamento acentuado, a degradação de ecossistemas e a poluição do ar, da água e do solo, são alguns dos sinais alarmantes de que os seres humanos estão destruindo sua própria casa – o planeta Terra.

Concomitantemente à degradação do ambiente natural, efeitos correspondentes estão acontecendo na saúde humana em forma de doenças. Uma grave ameaça decorre da ingestão de produtos alimentícios providos por uma agricultura praticada em larga escala, baseada em uma poderosa indústria de agrotóxicos, pesticidas, fertilizantes químicos e hormônios que causam a devastação do meio ambiente, a contaminação dos lençóis freáticos e a deterioração da saúde dos consumidores.

Embora sejam poucos os conhecimentos acerca dos riscos relativos à exposição diária e prolongada em doses fracas de pesticidas provenientes dos alimentos, reconhece-se que a toxicidade de algumas substâncias tenha efeitos cancerígenos, imunodepressivos, indutores de doenças como Parkinson, pneumopatias e mutações genéticas, entre outros. E ainda, encontrou-se correlação entre uso de pesticidas por agricultores com maior incidência de câncer de bexiga, cérebro, pâncreas, rins e leucemia.<sup>25</sup>

A espécie humana altera o ambiente em que vive, desde os primórdios dos tempos, no entanto, nos últimos cinco séculos esse processo foi intensificado de tal modo que a humanidade tem em suas mãos o poder de se autodestruir.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> DÉOUX, S.; DÉOUX, P. *Ecologia é a saúde*. Lisboa: Instituto Piaget. 1996.

<sup>26</sup> TREVISOL, J. *A educação ambiental em uma sociedade de risco: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade*. Santa Catarina: UNOESC, 2003.

Pautada em princípios reducionistas e fragmentários, a tríade ciência-técnica-indústria, onde foi depositada a fé para um progresso futuro, apresenta cada vez mais sua ambivalência: a possibilidade de progresso, e também de aniquilamento humano, seja fisicamente, como com as bombas nucleares; biologicamente, com as manipulações genéticas; ou degradando a biosfera e a psicosfera ou, em outros termos, as dimensões mental, afetiva e moral do ser humano. E, assim, desregulada, a economia mundial cresce à custa de destruições e de prejuízos naturais, humanos, sociais, culturais e morais.<sup>27</sup>

Diante de tal contexto, parece inquestionável que o capitalismo, que por meio do processo industrialista explora sistematicamente a natureza e os seres humanos, mostra-se claramente como contrário à vida.<sup>28</sup>

Esse modelo sócio econômico desregula os ritmos humanos ao impor uma aceleração que também sacrifica o convívio e a humanidade dos indivíduos.<sup>29</sup> O capitalismo, como modo de produção e como cultura que procura transformar tudo em mercadoria, “inviabiliza a ecologia tanto ambiental, quanto social”.<sup>30</sup>

Além de afetar a saúde física, as condições ambientais também podem desencadear efeitos psicológicos graves. Pesquisas identificaram a relação entre depressão e ambientes físicos com sobrecarga magnética, bem como ambientes subjetivos ansiogênicos, monótonos, feios, ou lugares onde as pessoas não se reconhecem, com os quais não se identificam. Tais questões subjetivas relacionadas ao ambiente sociofísico são estudadas pela Psicologia Ambiental, que se aprofunda em apropriação do espaço, sentimento de pertença ao lugar, entre outros aspectos dessa interface ser humano-ambiente que acessa as dimensões cognitiva, afetiva, interativa, simbólica e estética da subjetividade humana, e que interferem sobremaneira na saúde do indivíduo.

Considerada subcampo da Psicologia Ambiental, a Ecopsicologia é um campo emergente de estudos sobre a relação ser humano e ambiente<sup>31</sup>, que estuda a psique humana dentro dos sistemas maiores do qual faz parte, afirmando a

---

<sup>27</sup> MORIN, E. e KERN, A. B. *Terra-Pátria*. 6.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 69-103.

<sup>28</sup> BOFF, L. *Ecologia e capitalismo: simplesmente incompatíveis*. Revista Beija-flor, Curitiba/PR, ano 4, p. 8-9, out. 2009.

<sup>29</sup> MORIN, E. e KERN, A. B. op. cit. p. 69-103.

<sup>30</sup> BOFF, op. cit, p. 8-9.

<sup>31</sup> VOLPI, J. H. *Fundamentos epistemológicos em direção a uma ecopsicologia*. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). 2007. 224f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

importância do contato com a natureza e do resgate da compreensão do ser humano como ser integrado para o bem-estar da humanidade.

Compreendendo os seres humanos como parte integrante da natureza, é preciso olhar também para as questões sociais, diante dos indicadores de que 20% das pessoas do mundo possuem 83% dos meios de vida e que a parcela dos 20% mais pobres usam apenas 1,4% dos recursos do planeta. É sabido que quase metade da humanidade tem comida insuficiente e, atualmente, 14 milhões de crianças morrem antes de completarem cinco dias de vida. Além disso, dados mundiais apontam a morte de mais de seis milhões de crianças, a maioria com menos de cinco anos de idade, devido a causas evitáveis como malária, diarreia e pneumonia.<sup>32</sup>

Conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância<sup>33</sup>, diariamente, mais de 2,5 bilhões de pessoas sofrem com a falta de acesso ao saneamento melhorado, e quase 1,2 bilhão de pessoas defeca ao ar livre.

Segundo o Projeto Milênio da Organização das Nações Unidas<sup>34</sup>, no mundo inteiro, aproximadamente 114 milhões de crianças não recebem instrução sequer em nível básico e 584 milhões de mulheres são analfabetas. E, ainda, mais de 800 milhões de pessoas dormem todas as noites com fome, dentre elas, 300 milhões são crianças, além disso, a cada 3,6 segundos, uma pessoa morre por falta de alimentação.

Em contrapartida à falta de recursos de muitos, somente os gastos militares anuais dos Estados Unidos giram em torno de 400 bilhões de dólares, o que, ao invés de ser aplicado na indústria da guerra e da morte, poderia erradicar a miséria, a fome e muitas doenças no mundo em poucos anos.<sup>35</sup>

Esses dados são uma mostra dos valores predominantes nas sociedades atuais que colocam o ter em detrimento do ser, enaltecem a acumulação de bens e desestimulam a solidariedade e a justiça.

Diante desse cenário, destaca-se a afirmação de Boff:<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Projeto Milênio das Nações Unidas. 2005. Disponível em: <http://www.unmillenniumproject.org/documents/portugueseoverview.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.

<sup>33</sup> UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. 2008. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/media\\_12597.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/media_12597.htm). Acesso em: 20 dez. 2014.

<sup>34</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Projeto Milênio das Nações Unidas. 2005.

<sup>35</sup> DI BIASE, F.; ROCHA, M. S. F. *Ciência, espiritualidade e cura: psicologia transpessoal e ciências holísticas*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

<sup>36</sup> BOFF, op.cit, p.8-9.

[...] esse cataclisma social não é inocente, nem natural. É resultado direto de um tipo de desenvolvimento sem medir as consequências sobre a natureza e sobre as relações sociais. Ele é altamente predatório e iníquo.

O modo de vida capitalista não causou exclusivamente a degradação do meio ambiente natural, socioeconômico, mas, também, agride a dimensão subjetiva do ser humano ao impor um ritmo acelerado e valores que afastam os homens da sua humanidade e da natureza.

O único princípio fundamental dessa lógica capitalista global é “o de que ganhar dinheiro deve ter precedência sobre os direitos humanos, a democracia, a proteção ambiental e qualquer outro valor”, criando-se a ilusão de que o que leva à felicidade – principal objetivo de todas as pessoas – é somente aquilo que o dinheiro pode comprar ou proporcionar.<sup>37</sup>

No entanto, os índices mundiais referentes à saúde e qualidade de vida revelam que a humanidade paga um preço alto por isso. Além dos males físicos ocorridos por poluição e problemas socioeconômicos, disfunções psicológicas, em seus crescentes índices, mostram que o modo de vida baseado nos princípios cartesiano-newtonianos é contrário à saúde humana e à natureza.

De 13 a 20% da população apresenta algum sintoma depressivo<sup>38</sup>. A depressão é uma doença crescente na contemporaneidade que, apesar de ser palco de grandes avanços tecnocientíficos e vasta difusão dos meios de comunicação, acarreta cada vez mais solidão através de um estilo de vida individualista e consumista, vez que propicia às pessoas se sentirem sozinhas, vazias e a buscarem várias vezes nos bens de consumo o que lhes falta<sup>39</sup>. Fernandes<sup>40</sup> afirma que “nunca foram receitados tantos benzodiazepínicos e antidepressivos como atualmente”.

Assim, tem-se uma enorme parcela da população vivendo sob os efeitos de medicamentos que boicotam o sentido do sintoma, pois agem eliminando-o; porém, não eliminam o motivo que o causou. Dessa forma, a medicalização da

---

<sup>37</sup> CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2011, p.268.

<sup>38</sup> WANNMACHER, L. *Depressão maior: da descoberta à solução*. Uso racional de medicamentos: temas selecionados. Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. Brasília, v.1, n.5, p.1-5, abr. 2004.

<sup>39</sup> MOREIRA, V.; CALLOU, V. *Fenomenologia da solidão na depressão*. In: Mental, Barbacena, ano IV, n. 7, p. 67-83, nov. 2006.

<sup>40</sup> FERNANDES, W. J. *Reflexões sobre meu trabalho com psiquiatria dinâmica*. Vínculo. v.4, n.4, p.58- 69,dez.2007.

sociedade controla sua alienação quanto ao estilo de vida prejudicial ao seu bem-estar essencial.

As elevadas taxas de suicídio revelam esse mal estar. De acordo com a ONU<sup>41</sup>, a taxa de suicídio aumentou 60% nos últimos 45 anos e, atualmente, cerca de 3000 pessoas cometem o ato por dia, sendo o suicídio uma das três principais causas de morte na faixa etária de 25 a 44 anos.

Os números confirmam que outra fonte de autodestruição é o álcool. A ONU<sup>42</sup> declara que o álcool é responsável por 2,3 milhões de mortes prematuras por ano em todo o mundo. Entre os vinte fatores de risco para a saúde determinados pela ONU, em escala mundial, o álcool fica em primeiro lugar por morte e incapacidade. Ele tem como consequências o suicídio, acidentes de trânsito, casos de violência, além dos riscos de males causados particularmente ao próprio indivíduo que o utiliza com frequência: cirrose hepática, doenças cardiovasculares, transtornos neuropsiquiátricos e vários tipos de câncer.

Para o Instituto Nacional de Câncer<sup>43</sup>, “variações notáveis foram identificadas nos padrões de câncer no mundo”. Segundo o Instituto, estudos mostraram que a incidência de câncer aumenta à medida que os países se tornam progressivamente urbanizados e industrializados. O Ministério da Saúde afirma que a ocorrência de câncer no país, na década de 1960, matava menos de 5% da população, subindo para 10% na década de 1970. Fornece ainda a informação de que, no ano de 2003, 48,3% das mortes de brasileiros foram em decorrência de câncer, diabetes ou doenças cardiovasculares.

Segundo a OMS<sup>44</sup>, a pressão sanguínea elevada é causa de morte para 7,1 milhões de pessoas por ano no mundo e a Organização Pan-Americana da Saúde<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Centro de notícias da ONU. Disponível em: <http://www.un.org/spanish/News/fullstorynews.asp?newsID=13411&criteria1=suicidio&criteria2>. Acesso em 26 set. 2014.

<sup>42</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Centro de notícias da ONU. <<http://www.un.org/spanish/News/fullstorynews.asp?newsID=11469&criteria1=&criteria2>>. Acesso em 26 out. 2014.

<sup>43</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância de Câncer. Resumo. Alimentos, nutrição, atividade física e prevenção de câncer: uma perspectiva global. Rio de Janeiro: INCA, 2007. 12p. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/inca/Arquivos/2ICCC/publicacao/AlimentosNutricaoAtividadeFisica.pdf>>. Acesso em 26 out. 2014.

<sup>44</sup> OMS. Organização Mundial da Saúde. In: Prevenção de doenças crônicas: um investimento vital, 31p, 2005. Disponível em: <[http://www.who.int/chp/chronic\\_disease\\_report/part1\\_port.pdf](http://www.who.int/chp/chronic_disease_report/part1_port.pdf)>. Acesso em 26 out. 2014.

aponta que cerca de 12 milhões de pessoas morrem todos os anos devido a infarto ou derrames no planeta. Tanto o câncer quanto as doenças cardiovasculares e a hipertensão arterial - tidas como doenças modernas conforme o Ministério da Saúde - têm relação direta com hábitos alimentares e padrões de vida inadequados. Segundo o Ministério, além da alimentação industrializada, rica em sal, gordura e açúcares, também são fatores de risco para essas doenças o ritmo cotidiano muito acelerado e o isolamento do homem nas cidades.

Evidencia-se, assim, que o modo de vida propagado pela racionalidade moderna não cumpriu suas promessas de progresso e felicidade para todos. Doenças físicas, psicológicas, sociais e ambientais assolam a humanidade submersa numa lógica irracional. Além disso, a lógica de mercado não permite que seja embutida nos preços toda a exploração da natureza e do ser humano.

Nesse momento de crise planetária em que a vida na Terra corre perigo, é essencial que os seres humanos percebam sua integralidade – corpo, mente e espírito - para começarem a se integrar aos outros sistemas dos quais fazem parte. A partir dessa consciência holística será possível instaurar de fato uma cultura de cuidado com o ambiente de vida e com todos os seres.

Diante dos grandes problemas evidenciados no mundo - dentre eles os socioambientais - um olhar complexo e práticas transdisciplinares poderão ser eficientes, já que se evidencia a fraqueza das abordagens tradicionais, visto que seu reducionismo as impossibilita de olhar além de suas fronteiras e, portanto, dar conta de temas multidimensionais.

Nesse alarmante cenário, a formulação das bases de um paradigma emergente é uma ferramenta indispensável para a possibilidade de sustentação da vida na Terra. Uma nova visão de mundo se faz necessária para que a busca pela saúde integral, pelo bem-estar dos seres e o equilíbrio do planeta se torne o objetivo de toda atividade humana. Uma nova visão de mundo sustentada em valores outros que não aqueles propagados pelo paradigma moderno. Uma nova visão de mundo construída por valores de solidariedade e de cuidado: uma cosmovisão holística da realidade.

---

<sup>45</sup> OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Doenças crônico-degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.maeterra.com.br/site/biblioteca/Obesidade-OPAS.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2014.

### 2.3.

#### **A transição paradigmática: o paradigma emergente – cosmovisão holística da realidade**

Isto sabemos. Todas as coisas estão ligadas. Como o sangue que une uma família... Tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra. O homem não tece a teia da vida, ele é apenas um fio. Tudo o que faz à teia, ele faz a si mesmo.<sup>46</sup>

De acordo com Capra<sup>47</sup> a humanidade se encontra diante de uma crise de percepção. Essa crise deriva do fato de aplicarmos os conceitos de uma visão de mundo obsoleta – a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana newtoniana, basilar do paradigma moderno - a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje em um mundo globalmente interligado no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, se faz necessária uma perspectiva holística que a visão de mundo baseada nos pressupostos do paradigma moderno não nos oferece.

Precisamos, pois, de um novo paradigma – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade já são visíveis em vários campos.

Este trabalho aponta para uma estrutura conceitual coerente capaz de fornecer a interconexão dos movimentos em curso, auxiliando-os na formulação de uma poderosa força de mudança social.

A nova visão da realidade a que se está referindo baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Tal visão que pode ser chamada de sistêmica ou holística se contrapõe à concepção mecanicista da realidade que é justificada pelo fato de os organismos vivos agirem como máquinas, como analisado anteriormente. A ciência, na esteira de Descartes, concentrou-se excessivamente nas propriedades mecânicas da matéria e negligenciou o estudo de sua natureza de organismo. A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores.

---

<sup>46</sup> PERRY, inspirado no Chefe Seattle, *apud* CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 9.

<sup>47</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 2006, p.13.

Segundo Capra<sup>48</sup>, “embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes”.

O que se pretende, portanto, é analisar a possível e provável transição paradigmática - a passagem do paradigma moderno para o dito paradigma holístico. O que se propõe é uma nova concepção que, de forma criativa, aponte para um novo modelo de racionalidade, holístico, inter e transdisciplinar.

A descoberta de um novo paradigma se inicia com a consciência da anomalia. Essa anomalia ou o fracasso das regras consensuais existentes determina um sentimento de mal estar generalizado provocado pelo funcionamento defeituoso da realidade, o que, por sua vez, gera uma crise cujo maior significado é assinalar ter chegado o momento da renovação dos instrumentos, da refocalização. É em resposta à crise, que atua como oportunidade de crescimento e evolução, que surge um novo paradigma, reorientando a cosmovisão.<sup>49</sup>

Pode-se, então, afirmar que toda cosmovisão envolve um compromisso paradigmático. E este paradigma, cujo despontar já pode ser presenciado, tem sido denominado holístico (do grego *Holos*, que significado Todo, Totalidade), e surge como resposta a uma crise tão ampla que ameaça provocar um colapso definitivo na civilização dita moderna.

Essa crise pode ser entendida como vital: pela primeira vez a espécie humana corre um risco iminente de autodestruição total. Mais do que isso: a própria vida encontra-se ameaçada no nosso planeta que os antigos gregos, com sua visão orgânica, denominavam Gaia, a deusa Terra.<sup>50</sup>

Trata-se de uma crise de fragmentação, atomização e desvinculação. Como nunca antes o homem encontra-se esfacelado em seu conhecimento, atomizado em seu coração, dividido no seu pensar e sentir, compartimentalizado no seu viver. Refletindo uma cultura racional e tecnológica encontramos-nos fragmentados e encerrados em compartimentos estanques.

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 260.

<sup>49</sup> Cosmovisão, além de significar uma visão ou concepção de mundo, expressa também uma atitude frente ao mesmo, não sendo uma mera abstração já que a imagem que o homem forma do mundo possui um fator de orientação e uma qualidade modeladora e transformadora da própria conduta humana. Toda cosmovisão sustenta-se em algum paradigma básico.

<sup>50</sup> O bonito conceito de Gaia foi assimilado pelos grandes ecólogos da atualidade. Nessa concepção, os humanos são células de um dos tecidos do organismo de Gaia que, por sua vez, pode ser entendida como uma célula do Universo Vivo. Não é Gaia que fornece condições favoráveis à Vida; é a Vida que mantém Gaia.

Nos séculos XVI e XVII, desabou literalmente a cosmovisão escolástica aristotélico-tomista, que mesclava razão e fé, dominante na Idade Média, abalada de forma profunda e irreversível pela Renascença e, mais tarde, pelo movimento cultural-filosófico do Iluminismo. Nascia, então, uma nova Idade, denominada pelos historiadores de Revolução Científica, que desvinculou o profano do sagrado, destacando a razão como valor fundamental juntamente com a liberdade de pensamento e erigindo como meta a bandeira do progresso.

O método de investigação empírico-indutivo de Bacon, o raciocínio analítico-dedutivo de Descartes e a Física Clássica de Newton orientaram e modelaram a ciência moderna, com sua tendência à quantificação, previsibilidade e controle. O mundo, então, como já exposto, passou a ser percebido como uma máquina.

Após prevalecer por mais de três séculos, a cosmovisão moderna, sustentada por esse paradigma, encontra-se decadente sob o peso das suas próprias contradições e incapaz de responder aos novos desafios. Pode-se afirmar que a cosmovisão baseada no paradigma moderno racionalista, mecanicista e reducionista está em pleno declínio.

A cosmovisão moderna que nos brindou com imensos benefícios através do incontestável e espetacular progresso tecnológico, deixou-nos também um tenebroso legado, que pode ser traduzido como uma arraigada atitude fragmentada, geradora de alienação, conflitos e incontável sofrimento psíquico. Todo esse contexto nos obriga a desvelar e desenvolver, com urgência, um novo e mais amplo paradigma que preserve as virtudes da cosmovisão moderna, substituindo suas premissas mecanicista-reducionistas por outras integrativas e orgânicas.

Todas as recentes e revolucionárias evidências científicas (citando como alguns exemplos a Física Quântica, o princípio da incerteza, a abordagem *Bootstrap*) nos abriram a visão para um universo completamente inacessível à mentalidade cartesiano-newtoniana.<sup>51</sup>

A teoria quântica mostrou que as partículas subatômicas não são grãos isolados de matéria, mas modelos de probabilidades, interconexões numa inseparável teia cósmica que inclui o observador humano e sua consciência. A

---

<sup>51</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo, Cultrix, 2006, p.76.

teoria da relatividade fez com que a teia cósmica adquirisse vida, por assim dizer, ao revelar seu caráter intrinsecamente dinâmico, ao mostrar que sua atividade é a própria essência do seu ser. Na física contemporânea, a imagem do universo como máquina foi transcendida por uma visão dele como um todo dinâmico e indivisível cujas partes estão essencialmente relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico. No nível subatômico, as inter-relações e interações entre as partes do todo são mais fundamentais do que as próprias partes. Há movimento, mas não existem, em última análise, objetos moventes; há atividade, mas não existem atores; não há dançarinos, somente a dança.<sup>52</sup>

O paradigma holístico desenvolveu-se a partir de uma concepção sistêmica nele subjacente. Em suma, essa abordagem consiste na consideração de que todos os fenômenos ou eventos se interligam e relacionam de uma forma global: tudo é interdependente.

De acordo com o físico norte-americano Brian Swimme<sup>53</sup>, diretor do Instituto de Cultura e Espiritualidade Criativa, na Califórnia, as novas perspectivas do novo e promissor paradigma holístico podem ser assim sintetizadas.

1. A natureza do átomo não é dada simplesmente por ele, isoladamente, mas por sua interação no seu Universo envolvente: a realidade física consiste de envolvimento, superposição e de sistemas dinâmicos e interativos de energia. Enfim, nenhum elemento possui real identidade e existência fora do seu entorno total;
2. Os nossos conhecimentos são provenientes de nossa própria participação e interação nos processos do Universo, o que nos habilita a contribuir para o aprimoramento desses processos, através da dimensão qualitativa da consciência;
3. Além da análise, a síntese é central na compreensão do mundo: conhecer algo implica em saber sua origem e finalidade. Todos os valores são entrelaçados porque todo o universo é entrelaçado;
4. A matéria não é passiva ou inerte, já que é dotada de energia e intencionalidade; os elementos inanimados se organizam em complexos sistemas de interação. O Universo é uma realidade auto-organizante: é total e inteligente.

<sup>52</sup> CREMA, R. *Introdução à visão holística*. São Paulo: Summus, 1989, p.70.

<sup>53</sup> SWIMME, B. The influence of changes in the scientific paradigm on the paradigm for socio-economic and personal development. Seminário “Transformações dos paradigmas científicos atuais e seus impactos socio-economicos, CNPq, Ministerio da Educação e Banco Mundial, 1987.

A visão inclusiva e virtualmente terapêutica facultada pela abordagem holística se expressa como uma grande síntese em que os opostos são reconciliados e integrados. As aplicações da abordagem holística estendem-se a todas as esferas do saber e do atuar humano, desde a teoria do conhecimento à educação, saúde, economia, administração, ecologia, política até o movimento de sobrevivência e paz mundial, ligados ao conceito de Nova Era. Abrange a ontologia, gnoseologia e epistemologia, com suas interações. Esses três níveis se interpenetram e reciprocamente se determinam, consolidando a indissolúvel unidade existencial saber-ser.<sup>54</sup>

Conceitos como o da não-separatividade, da correlação, da teia de interconexão cósmica, de um todo matéria-mente, de uma unidade observador-objeto, do holograma e do holomovimento demonstram, categoricamente, que o homem faz parte da dinâmica do Universo, podendo agir sobre o mesmo, além do acaso e da fria causalidade.

E todas essas evidências reforçam e dão nova vida ao que Jung<sup>55</sup> denominou de sincronicidade: simultaneidade, coincidência significativa ou princípio de conexões acausais. Homem e Universo encontram-se em indissolúvel diálogo e cumplicidade, respondendo-se mútua e instantaneamente, através de infindáveis eventos que se inter cruzam.

O paradigma holístico o qual se está vislumbrando com sua visão totalizante da realidade está alicerçado em princípios de cuidado e de solidariedade. O cuidado nos coloca no centro de tudo o que acontece e nos torna responsáveis pelo outro, seja ele um ser humano, um grupo social ou a natureza. A nova ética consubstanciada pelo dito paradigma não é antropocêntrica, nem individualista, nem busca apenas a responsabilidade pelas consequências imediatas. É uma responsabilidade pelo futuro. A solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade. É um campo simbólico em que se desenvolvem territorialidades e temporalidades específicas que nos permitem conceber o nosso próximo numa teia intersubjetiva de reciprocidades. Como a nova subjetividade inter-relaciona em igual medida identidade e reciprocidade, pode e deve ser construída à margem do

---

<sup>54</sup> CREMA, op. cit., p.77.

<sup>55</sup> JUNG, C. *Sincronicidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.

antropocentrismo: a natureza, dita não humana, não nos sendo idêntica, é-nos recíproca na medida em que, por exemplo, a sua destruição acarreta a nossa própria destruição.

Essa nova visão da realidade baseada em pressupostos outros que não os da ruptura e cisão parece nos preparar para a “Grande Virada”.<sup>56</sup> Segundo Macy, a Grande Virada está ocorrendo simultaneamente em três áreas ou dimensões que se reforçam mutuamente, são elas: ações para reduzir danos à Terra e seus habitantes; análise de causas estruturais e a criação de alternativas estruturais; além de uma mudança fundamental de cosmovisão e de valores.

As percepções que teremos na terceira dimensão da Grande Virada poupam-nos de sucumbir ao pânico ou à paralisia. Embora seja possível vislumbrar a Grande Virada e ganhar coragem com sua atividade multifacetada, não há garantias de que ela vá, de fato, ocorrer. Não é possível saber o que irá acontecer primeiro: se o ponto sem retorno, além do qual não será possível deter o colapso dos sistemas que dão suporte as formas de vida complexas, ou se o momento em que os componentes de uma sociedade sustentável tornar-se-ão coesos e assumirão o comando.

Macy<sup>57</sup> afirma que a humanidade está despertando para aquilo que antes sabia: estamos todos vivos em um planeta vivo, fonte de tudo o que somos e podemos realizar. Apesar de estarmos condicionados pela sociedade industrial dos últimos séculos, queremos chamar, mais uma vez, esse mundo de sagrado.

Os ingredientes desse despertar, segundo a autora, e as formas que ele assume são incontáveis, incluindo: a teoria geral dos sistemas vivos, revelando a natureza auto-organizadora da realidade e a presença da mente na natureza; a teoria Gaia<sup>58</sup>, mostrando que nosso planeta é um sistema vivo, nosso corpo maior; a Ecologia Profunda e movimento ecológico de longo alcance, resgatando-nos do

<sup>56</sup> Enquanto a revolução agrícola durou séculos e a revolução industrial durou gerações, essa revolução ecológica precisa ocorrer em alguns poucos anos. Precisa, ainda, ser mais abrangente – envolvendo não só a economia política, como hábitos e valores que a geraram. A grande virada está ocorrendo simultaneamente em três áreas ou dimensões que se reforça, mutuamente. São elas: ações para reduzir danos à Terra e seus habitantes; análise de causas estruturais e a criação de alternativas estruturais; uma mudança fundamental de cosmovisão e de valores. MACY, J. e BROWN, M. Y. *Nossa vida como gaia: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo*. São Paulo: Gaia, 2004, p.31.

<sup>57</sup> MACY, op.cit., p. 38.

<sup>58</sup> Gaia é uma entidade complexa, que compreende a biosfera terrestre, os oceanos e a terra; o conjunto constitui um sistema de feedback ou cibernético que busca um ambiente físico e químico ótimo para a vida neste planeta. A preservação de condições relativamente constantes por um controle ativo poderia ser descrita de maneira satisfatória pelo termo homeostase.

antropocentrismo erguido pelo pensamento religioso hierárquico e evocando a sacralidade da vida como um todo; o Ecofeminismo, articulando crítica política com movimento da espiritualidade feminina, dando-nos novamente uma âncora no mundo natural e reconfigurando a realidade do Eu em termos radicalmente relacionais; a Ecopsicologia, alçando as metas e meios da psicoterapia sobre as questões mais amplas da patologia social e auxiliando-nos a questionar nossa aquiescência quanto à destruição de nosso planeta; o movimento pela vida simples ou simplicidade voluntária, movimento que liberta as pessoas de padrões de consumo que não refletem suas necessidades, permitindo-lhes encontrar meios mais frugais e satisfatórios de se conectarem com o mundo; a música e a arte expressando nossa interconexão e incorporando sons e imagens da natureza.

De fato, ninguém esta imune à dúvida, à negação ou à descrença acerca da gravidade de nossa situação - e de nosso poder para alterá-la. Contudo, de todos os perigos que podemos enfrentar, das alterações climáticas às guerras nucleares, nenhum é tão grande quanto o torpor de nossas reações – aquilo que Macy chama de *apatheia*, a mortificação da mente e do coração.<sup>59</sup>

Jean-Yves Leloup possui um termo similar para descrever a descrença e a naturalização com que os seres humanos encaram a assustadora realidade atual: a *normose*<sup>60</sup>: um conjunto de hábitos considerados normais pelo consenso social que, na realidade, são patogênicos em graus distintos e nos levam à infelicidade, à doença e à perda de sentido na vida. O normótico é a pessoa adaptada a um contexto predominantemente mórbido e que, com seu conformismo e inércia, realimenta o sistema enfermo, mantendo o *status quo*.

Os pesquisadores Pierre Weil, Jean-Yves Leloup e Roberto Crema afirmam que os costumes sociais são resultados de “(...) normas que adotamos, mais ou menos conscientemente, mediante a imitação de nossos pais e

<sup>59</sup> “*Apatheia* é uma palavra grega que significa não sofrimento. Dada sua etimologia, apatia é a incapacidade ou a recusa de sentir dor. Qual é a dor que sentimos – e que tentamos desesperadamente não sentir – nesse planeta e época? É de uma ordem diferente daquela que os gregos antigos teriam conhecido; pertence não apenas à privação da riqueza, da saúde, da reputação ou dos seres queridos, mas também a perdas tão vastas que mal podemos dar-lhes nome. É a dor pelo mundo”. MACY, op. cit., p.41.

<sup>60</sup> O conceito foi cunhado quase que simultaneamente pelo psicólogo e antropólogo brasileiro Roberto Crema e pelo filósofo, psicólogo e teólogo francês Jean-Ives Leloup, na década de 1980. Eles vinham trabalhando o tema separadamente até que um terceiro psicólogo, o francês Pierre Weil, se deu conta da coincidência. Perplexo, Weil conectou os dois, e os três juntos organizaram um simpósio sobre o tema. Do encontro, nasceu uma parceria e o livro *Normose: A patologia da normalidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

educadores”.<sup>61</sup> Os mesmos autores acrescentam que essas normas deveriam ter a função de “(...) preservar nosso equilíbrio físico, emocional ou mental, bem como a harmonia e a qualidade de vida”<sup>62</sup>. Assim, há uma crença bastante enraizada segundo a qual tudo o que a maioria das pessoas sente, acredita ou faz, deve ser considerado normal. Entretanto, nem todas essas normas são benevolentes, mas pelo contrário, algumas delas são hábitos nocivos que, no cotidiano, geram sofrimento, mas, como são dotadas de um consenso social, as pessoas não se dão conta de seu caráter patogênico.

Essa seria, portanto, segundo os autores, uma normose, uma normalidade doentia, conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade, mas, no entanto, podem provocar sofrimento, doença e morte. É algo patogênico e letal, executado sem que os seus autores e atores tenham consciência de sua natureza patológica.

Todo tipo de normose mantém, portanto, um caráter automático e inconsciente: “(...) os seres humanos, por preguiça e comodismo, seguem o exemplo da maioria. Pertencer à minoria é tornar-se vulnerável, expor-se à crítica. Nesse sentido, toda normose é uma forma de alienação”.<sup>63</sup>

Os autores observam que há variações de normose: as gerais – que atingem a toda a população mundial, ou parte dela – e as específicas. A normose geral é aquela que pode levar a um suicídio coletivo; é a criada pela ditadura masculina, por exemplo, que se caracteriza pela repressão do feminino. Já as normoses específicas são as alimentares, as políticas, as ideológicas, as bélicas, a consumista, a da informática – uso excessivo da tecnologia a serviço de valores destrutivos, entre outras.

Apesar da *apatheia* e da normose ainda assolarem a humanidade, vê-se cada vez mais que o processo de despertar dos seres humanos está ocorrendo. É como se tivéssemos dormido por um milênio e, agora, estamos acordando para um

---

<sup>61</sup> CREMA, Roberto. WEIL, Pierre. LELOUP, Jean-Yves. *Normose: A patologia da normalidade*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 14.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 24.

relacionamento completamente novo com nosso mundo, conosco mesmos e com os outros. É só a partir desse despertar que a Grande Virada se torna possível.<sup>64</sup>

Retornemos ao poema que inaugura esse subcapítulo em sua arquitetura simplificada que propaga que “tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra”. Há bilhões de vidas pulsando sobre a Terra, cada uma delas depende da mãe natureza e do próximo passo a ser dado por uma única espécie, a humana. Um só passo mal sucedido, uma espécie eliminada. Quantas serão eliminadas até que o ser humano perceba que está em dissintonia com a Natureza? Essa indagação já remete a uma característica peculiar do ser humano: o senso de responsabilidade para com as diversas formas de vidas existentes. Essa responsabilidade pode ser traduzida também por cuidado. É sobre este cuidado, uma das bases do paradigma holístico a qual se faz menção, que as próximas passagens se referem.

Hoje e, em conformidade com Boff<sup>65</sup>, sentimos a falta de cuidado em toda parte. “Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exacerbação da violência”.

---

<sup>64</sup> “Permitirmo-nos sentir angustia e desorientação ao abrimos nossa consciência ao sofrimento global é parte do nosso amadurecimento espiritual. Os místicos falam da noite escura da alma. Corajosos o suficiente para abrir mão de costumeiras seguranças e para permitir que velhos confortos e conformismos mentais se vão, ficam nus diante do desconhecido. Permitem que processos que a mente não consegue abranger funcionem por seu intermédio. Da escuridão, nasce o novo”. MACY, op. cit., p.66.

<sup>65</sup> “o ser humano é parte e parcela da natureza e entretém com ela uma sofisticada rede de relações fazendo com que ele co-pilote o processo de evolução junto às forças da terra. Isso requer repensar o progresso, a política, a sociedade e o posicionamento do ser humano para com a natureza. Precisa repensar a sua postura a fim de que o outro seja visto como gente e natureza como algo portador de dignidade. O ser humano é convidado a sair de uma realidade puramente de dominação e mergulhar em comunhão com todas as coisas. Entrar em comunhão com as coisas aqui implica aceitá-las, amá-las e cuidá-las. Só assim terá uma nova compreensão da terra, como uma imensa comunidade da qual somos membros responsáveis para que todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio dos solos e dos ares, passando pelos micro-organismos até as raças e a cada pessoa individual, possam conviver em harmonia e paz. Hoje mais do que nunca somos convidados a cuidar de nós mesmos, da natureza e possibilitar um comum cuidado de todos para com todos. A crise generalizada que afeta a humanidade se revela pelo descuido, ou seja, pela falta de cuidado para com o ser humano e as demais realidade existentes. A crise é civilizatória, logo para sair dela é preciso de uma nova ética. Ética essa que deve nascer de algo essencial do ser humano: o cuidado. O ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz eis a característica singular do ser humano. É por essa característica peculiar que não vemos a natureza e tudo o que nela existe como objetos. Pelo cuidado experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma realidade frontal: tudo o que existe e vive precisa de cuidado para continuar a existir e viver. Portanto, pode-se dizer que o cuidado é tão fundamental quanto a razão e a vontade. Ele é indispensável”. BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 133.

O autor afirma que, apesar das graves agressões e ausência de cuidado para com a humanidade e para com a natureza, “cresce seminalmente um novo paradigma de religação, de re-encantamento pela natureza e de compaixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra [...]”.<sup>66</sup> Boff parece concordar que os seres humanos estão despertando para essa nova visão holística da realidade.

O autor faz preciosas considerações sobre a ética do cuidado em que a vida é colocada no centro, para ser partilhada, valorizada, protegida, razão pela qual a sua análise é de fundamental importância, vez que a ética do cuidado é alicerce da cosmovisão holística da realidade.

Boff defende que se faz necessária a passagem do pensamento de “conquista” para o pensamento do “cuidado”, em que a vida de Gaia e de todas demais formas de vida que ela carrega em seu seio, é colocada no centro.<sup>67</sup> Ou seja, se faz necessária a passagem do paradigma moderno baseado no controle e na dominação para um paradigma holístico, baseado na ética do cuidado.

O autor parece concluir no sentido de que o cuidado precisa ser alimentado de amor e de justiça social em todos os aspectos da vida. A falta do cuidado é sentida de forma urgente no contexto da atual crise civilizacional. E o caminho para a solução desta gigantesca crise está no interior de cada ser humano, cabendo ao homem desenvolver sua consciência planetária, com as responsabilidades que cada um de nossos sete bilhões de irmãos e irmãs tem para com a Mãe Terra.

Uma nova civilização, aos poucos, começa a traçar um novo paradigma civilizacional, mais voltado para as dimensões benevolentes da humanidade para com a Mãe-Terra e para com todos os seres humanos. O homem começa a sentir-se despertado e religado para o mistério que compõe o universo. O momento, segundo Boff, é de unir forças para encontrar soluções.

O que se quis demonstrar é que com a superação do paradigma cartesiano-newtoniano uma nova racionalidade desponta, assim como uma holopistemologia encontra-se em franca gestação, integrando e indo além da epistemologia cartesiana e da concepção dialética clássica. Uma nova consciência está despertando dos escombros de uma civilização em declínio. Uma corrente inteligente e evolutiva de sintonia, de amizade e de cumplicidade encontra-se em

---

<sup>66</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>67</sup> Idem. *Ética e Ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010, p.54.

expansão em escala mundial para que o projeto humano não naufrague no caos. Reúnem-se intelecto e espírito: razão e coração religam-se.

Sendo uma das vertentes deste paradigma holístico os novos saberes ecológicos estruturam uma nova visão de mundo. Enquanto o paradigma dominante está baseado em valores individualistas e antropocêntricos, representando uma mentalidade essencialmente egocêntrica, os novos saberes ecológicos estão alicerçados em valores solidários, ecocêntricos ou biocêntricos. Para essa visão, todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependência, o que faz expandir um sentimento de empatia a todos os seres viventes, e até mesmo ao solo, ao ar e à água.

O próximo capítulo tratará da contribuição dos novos saberes ecológicos para a concretização e reformulação desta nova visão de mundo baseada no paradigma emergente ora analisado, na esperança que a crise civilizacional que a humanidade vive seja resignificada através de uma nova forma de se perceber a natureza. Não mais como objeto a ser dominado e explorado, mas como uma parte integrante de nós e do cosmos.